



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS**

PSEUDOCLIVADAS: UMA ANÁLISE CARTOGRÁFICA

Rafael Berg Esteves Trianon

Rio de Janeiro
2016

RAFAEL BERG ESTEVES TRIANON

PSEUDOCLIVADAS: UMA ANÁLISE CARTOGRÁFICA

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Letras na habilitação Português / Literaturas.

Orientador: Prof. Dr. Alessandro Boechat de Medeiros

RIO DE JANEIRO

2016

CIP - Catalogação na Publicação

T821p Trianon, Rafael Berg Esteves
Pseudoclivadas: uma análise cartográfica /
Rafael Berg Esteves Trianon. -- Rio de Janeiro,
2016.
33 f.

Orientador: Alessandro Boechat de Medeiros.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Bacharel em Letras: Português -
Literaturas, 2016.

1. Pseudoclivagem. 2. Sintaxe Gerativa. 3.
Cartografia. 4. Português do Brasil. I. Medeiros,
Alessandro Boechat de, orient. II. Título.

SUMÁRIO

| | | |
|------|---|----|
| 1. | INTRODUÇÃO | 5 |
| 1.1. | Pressupostos teóricos..... | 6 |
| 2. | FOCO: CONCEITOS..... | 8 |
| 2.1. | A interpretação do foco | 10 |
| 2.2. | Os tipos de foco..... | 11 |
| 2.3. | As projeções funcionais de foco..... | 13 |
| 3. | ESTRUTURA INFORMACIONAL..... | 15 |
| 3.1. | Tópico ou tópicos? | 17 |
| 3.2. | <i>Links e tails</i> : uma solução cartográfica | 19 |
| 3.3. | Resumindo até aqui | 20 |
| 4. | ANÁLISE DAS PSEUDOCLIVADAS | 22 |
| 4.1. | Pseudoclivadas e a articulação foco-tópico..... | 22 |
| 4.2. | Pseudoclivadas e a restrição de peso fonológico..... | 23 |
| 4.3. | Pseudoclivadas canônicas | 24 |
| 4.4. | Pseudoclivadas invertidas | 26 |
| 4.5. | Pseudoclivadas invertidas com foco pré-cópula | 27 |
| 5. | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 30 |
| 5.1. | Desdobramentos futuros..... | 31 |
| 6. | REFERÊNCIAS | 32 |

1. INTRODUÇÃO

Nas línguas naturais, existem alguns aspectos semântico-pragmáticos que podem ser veiculados através de configurações sintáticas específicas. Notemos, por exemplo, o par de sentenças abaixo:

- (1) a. O João deu as flores para a namorada.
b. As flores, o João as deu para a namorada.

Em (1a), temos uma sentença neutra, possuindo a ordem canônica do PB (sujeito-verbo-objeto). Já em (1b), ocorreu o deslocamento do argumento interno direto para a periferia esquerda da sentença. O resultado dessa operação, do ponto de vista do sentido, é que o interlocutor inequivocamente entende que o DP [as flores] é o tópico da sentença, uma informação já conhecida dentro do universo discursivo e dotada da propriedade de *aboutness* (do que se está falando). Essa interpretação marcada só pode ser adquirida através de uma operação de movimento do sintagma topicalizado, o que ilustra a interação existente entre esses módulos da gramática.

Neste trabalho, trataremos de uma informação semântico-pragmática que também pode vir expressa através da sintaxe: o foco. Em PB, o foco pode ser expresso de diversas formas:

- (2) a. O JOÃO¹ comeu o bolo. (**foco in situ**)
b. Foi O JOÃO que comeu o bolo. (**clivada canônica**)
c. O JOÃO foi que comeu o bolo. (**clivada invertida**)
d. O JOÃO que comeu o bolo. (**foco + que**)
e. Comeu o bolo foi O JOÃO. (**semiclivada**)
f. Quem comeu o bolo foi O JOÃO. (**pseudoclivada canônica**)
g. Foi O JOÃO quem comeu o bolo. (**pseudoclivada invertida**)
h. O JOÃO foi quem comeu o bolo. (**pseudoclivada invertida com foco pré-cópula**)

Esta pesquisa se dedica ao estudo das formas (2f), (2g) e (2h), estratégias de focalização (marcação explícita do foco) chamadas de pseudoclivadas. Tais tipos de construção apresentam os mesmos elementos: uma oração relativa livre (no exemplo, [quem comeu o bolo]), o verbo copular [ser] e um sintagma focalizado (no exemplo, [O JOÃO]). A literatura, de uma forma geral, não se dedica a propor uma análise que justifique a alternância entre essas três formas. Por isso, nossa análise busca compreender possíveis motivações para que essa variação ocorra.

¹ Caixa alta representa foco.

1.1. Pressupostos teóricos

O aporte teórico utilizado é a Gramática Gerativa, proposto inicialmente por Chomsky (1957, 1965). O gerativismo chomskyano é inatista, e assume que existe um estado inicial bastante rico da faculdade da linguagem, chamado, por boas razões, de Gramática Universal. Na GU, existem regras universais, aplicáveis a todas as línguas (princípios) e regras variáveis, cuja fixação de um valor dependerá do estímulo, isto é, da língua com a qual a criança tem contato no período de aquisição (parâmetros). Assim, a grande questão com a qual o gerativismo se depara é: como o conhecimento linguístico inato de um indivíduo está organizado em sua mente?

As questões sobre focalização, dentro da perspectiva gerativa, atualmente têm se concentrado em uma abordagem surgida na Itália desde a década de 1990: a Cartografia (Cinque 1999; Rizzi 1997, 2004; Belletti 2001, 2004). O programa cartográfico propõe que as línguas naturais possuem, em sua estrutura sintática, camadas de projeções funcionais, responsáveis pela veiculação de aspectos semântico-pragmáticos. Considera-se uma projeção funcional aquela cujo núcleo não envolve um item lexical, mas apenas um elemento responsável pela veiculação de um determinado traço. Para exemplificar, tomemos o exemplo em (1) acima. A sentença topicalizada, segundo a cartografia, resultaria do movimento do DP [as flores] para uma camada funcional chamada TopP. Uma consequência dessa assunção é a explosão das camadas tradicionalmente adotadas pelos linguistas gerativistas (CP, IP e VP) em várias projeções funcionais. Para o CP, por exemplo, a camada de projeções se organizaria hierarquicamente da seguinte forma (cf. Rizzi, 1997):

(3) [ForceP[TopP[FocP[TopP[FinP [IP]]]]]]]

Essa abordagem nos será útil para propor as operações sintáticas envolvidas no processo derivacional das construções pseudoclivadas, já que, de acordo com a proposta cartográfica, os sintagmas focalizados precisam ser produtos de movimento para projeções funcionais específicas.

Esta monografia está organizada da seguinte forma: na seção 2, proporemos uma elaboração mais acurada do conceito de foco, utilizando para tal as propostas de Chomsky (1971), Jackendoff (1972) e Zubizaretta (1998). Na seção 3, introduziremos o conceito de Estrutura Informacional, elemento importante na análise de processos de focalização. De posse dessas informações, analisaremos, nas três seções seguintes, as pseudoclivadas propriamente

ditas, dedicando uma seção para cada estratégia, conforme os exemplos em (2f), (2g) e (2h). Por fim, fecharemos o trabalho na seção 7 com considerações finais e possíveis desdobramentos da pesquisa.

2. FOCO: CONCEITOS

Na esteira dos estudos em Gramática Gerativa, podemos citar dois trabalhos seminais na definição do conceito de foco: Chomsky (1971) e Jackendoff (1972). O primeiro autor define foco prioritariamente pela presença do acento prosódico, de forma que:

The focus is the phrase containing the intonation center; the presupposition, an expression derived by replacing the focus by a variable. Each sentence, then is associated with a class of pairs (F, P) where F is a focus and P is a presupposition, each such pair corresponding to one possible interpretation. (Chomsky, 1971:26)

Ele propõe que a noção de foco seja derivada a partir de um critério fonológico, pois o foco seria o sintagma recebedor do “centro de entonação” – o acento principal da sentença. Dessa afirmação, ele insere um outro elemento que estabelece uma relação de par com o foco: a pressuposição, que seria a informação não focalizada. Podemos exemplificar isso a partir das sentenças em (4):

- (4) a. O JOÃO comeu o bolo.
b. O João comeu O BOLO.

Pela definição de Chomsky, o foco de (4a) é o DP [O JOÃO] porque é esse constituinte que contém o centro de entonação, enquanto, em (4b), o foco seria o DP [O BOLO]. A pressuposição seria dada por uma paráfrase, como as representadas em (5a) e (5b), associando-se, respectivamente, a (4a) e (4b):

- (5) a. Alguém comeu o bolo.
b. O João comeu alguma coisa.

Essa interpretação gera, segundo o autor, um par (F, P), no qual F é o foco e P a pressuposição. Um par se refletiria em apenas uma interpretação possível de sentença. Assim, nos exemplos acima, ainda que a linearidade da sentença seja igual em ambos, o par (F, P) seria diferente: o exemplo (a) teria o par (O João; x comeu o bolo), enquanto o par de (b) seria (O bolo; O João comeu x).

Ainda que essa definição seja interessante, ela deixa de lado os aspectos propriamente semânticos inerentes às categorias de foco e pressuposição. Jackendoff (1972: 230) insere noções dessa natureza ao dizer:

As working definitions, we will use “focus of a sentence” to denote the information in the sentence that is assumed by the speaker not to be shared by him and the hearer, and “presupposition of a sentence” to denote the information in the sentence that is assumed by the speaker not to be shared by him and the hearer.

Uma diferença interessante entre essa definição e a de Chomsky é a inserção da noção de “informação partilhada”: o que determina o foco e a pressuposição não é somente uma relação de “elemento marcado x elemento não marcado”, mas a ideia de quais informações o emissor crê que sejam do conhecimento do receptor e quais não.

Vejamos os exemplos em (4) a partir dessa perspectiva. Em (4a), a prosódia marcada revela que os interlocutores partilham a informação de que o bolo foi comido (pressuposição). No entanto, parece que o emissor não crê que seu receptor saiba que a pessoa que comeu o bolo foi o João (foco), daí ela produz uma sentença na qual essa informação fique explícita. Da mesma forma, em (4b), a informação presumidamente partilhada é que algo foi comido pelo João (pressuposição), embora não se saiba o que, de fato, foi comido. O emissor, possuidor dessa informação, produz uma sentença com a prosódia marcada, em que o acento principal recaia sobre essa informação presumidamente não partilhada, nesse caso, o bolo (foco).

Dessa forma, chegamos à definição de foco que assumiremos nesse trabalho:

- (6) *Foco é o constituinte que recebe acento específico e que contém a informação que o emissor crê não ser conhecida pelo receptor.*

Essa definição exclui como foco contexto de ênfase, como ilustrado abaixo:

- (7) a. Você sabia que o Pedro caiu do cavalo na competição ontem?
 b. Eu não acredito que logo O PEDRO caiu do cavalo. Ele era um ótimo cavaleiro!

Em (7), ainda que o acento da frase recaia sobre o DP [o Pedro], não podemos dizer que esse constituinte seja foco, porque, em (7b), [o Pedro] não é informação que o emissor crê que não seja do conhecimento de seu interlocutor. Nesse caso, estamos diante de uma ênfase: o acento enfático revela uma certa surpresa do emissor de (7b) em relação ao fato de que tenha sido o Pedro que tenha caído do cavalo, por supor que ele seja um bom cavaleiro.

2.1. A interpretação do foco

Em que nível o foco é interpretado? Zubizarreta (1998) assume que a interpretação do foco se dá pós-LF, em um mecanismo chamado por ela de *Assertion Structure* (AS), na qual duas asserções estabelecem uma relação que possibilita a interpretação de uma estrutura de foco-pressuposição. A primeira asserção (A1) é a pressuposição existencial dada pelo contexto. A segunda asserção (A2) relaciona equativamente uma variável e um valor. Os exemplos em (8) abaixo mostram a AS das sentenças em (4):

- (8) a. A1: Existe um x , tal que x comeu o bolo
A2: x , tal que x comeu o bolo = [o João]
- b. A1: Existe um x , tal que o João comeu x
A2: x , tal que o João comeu x = [o bolo]

Nesses exemplos, inicialmente temos a expressão lógica da pressuposição “alguém comeu o bolo” e “o João comeu alguma coisa”. Em seguida, a expressão lógica dada correlaciona a variável (expressa pelos pronomes indefinidos em (5)) a um valor no mundo biossocial. Essa forma de representar a estrutura de foco é interessante porque não trabalha com a ideia de “informação nova” x “informação velha” (adotada em uma visão pragmática de foco). Essa forma de analisar o foco é problemática, porque nem sempre se trata de uma informação efetivamente nova. Vejamos o exemplo abaixo:

- (9) a. O João comeu o bolo ou o sanduíche?
b. O João comeu foi O BOLO.

Em (9) temos uma operação de focalização (marcada sintaticamente por uma semiclavada) em que o foco é informação já conhecida no universo discursivo. Uma ideia de foco que leva em conta ocorrência do referente no contexto comunicativo não é capaz de dar conta de exemplos como esse. No entanto, se considerarmos o foco apenas como uma informação presumidamente não pressuposta (independente da ocorrência no contexto), esse problema se desfaz.

2.2. Os tipos de foco

O exemplo em (9b) levanta uma questão: todos os tipos de foco são iguais? Essa pergunta é justificável porque a focalização desse exemplo cria uma ideia de contraste: O João comeu o bolo, e não o sanduíche. Caso a sentença com foco marcado seja apenas a resposta a uma pergunta, a interpretação se dará de forma um pouco diferente, não sendo possível, inclusive, a realização de algumas estratégias de focalização. Ilustremos:

- (10) a. O que o João comeu?
b. *O bolo que o João comeu.
- (11) a. O João comeu o sanduíche.
b. Não, O BOLO que o João comeu. (e não o sanduíche)

A estratégia de focalização utilizada (Foco + que) não parece ser discursivamente adequada ao contexto de resposta, enquanto é possível quando há contraste (Guesser e Quarezemin, 2013: 193). Isso nos aponta que talvez haja alguma diferença semântica no foco.

Um importante trabalho que trata dessa questão é o de Kiss (1998). A autora diferencia dois tipos de foco: um chamado identificacional e outro chamado informacional. O primeiro representaria um constituinte cuja referência estabelece um contraste entre outros elementos possíveis dentro do universo discursivo. Dentre as possibilidades, o emissor focaliza o elemento que ele crê ser a informação correta. Nas palavras da autora:

An identificational focus represents a subset of the set of contextually or situationally given elements for which the predicate phrase can potentially hold; it is identified as the exhaustive subset of this set for which the predicate phrase actually holds.

A diferença entre o foco identificacional e o informacional é exemplificada e justificada por Kiss através de exemplos do húngaro e do inglês. Um argumento que ela utiliza é o de que, tanto em húngaro quanto em inglês, existem estratégias diferentes de realização desses tipos de foco. Vejamos o exemplo dado por ela:

- (12) a. Mari EGY KALAPOT ÉS EGY KABÁTOT nézett ki magának.
Maria um chapéuACUS e um casacoACUS pegou ela mesmaDAT
It was A HAT AND A COAT that Mary picked for herself.
Foi UM CHAPÉU E UM CASACO que Maria pegou para si.

- b. Mari EGY KALAPOT nézett ki magának.
 It was A HAT that Mary picked for herself.
 Foi UM CHAPÉU que Maria pegou para si.

- (13) a. Mari ki nézett magának egy kalapot és egy kabátot.
 Maria pegou ela mesmaDAT um chapéuACUS e um casacoACUS.
 Mary picked a hat and a coat for herself.
 Maria pegou para si um chapéu e um casaco.
- b. Mari nézett ki magának egy kalapot.
 Mary picked a hat for herself.
 Maria pegou um chapéu para si.

Na análise da autora, (12b) não é consequência lógica de (12a) – na verdade, essas sentenças se contradizem. Por outro lado, (13b) é perfeitamente uma consequência lógica de (13a). Isso ocorre porque, no primeiro caso, a focalização identificacional cria uma relação de exaustividade: se, dentro do conjunto dos itens passíveis de serem comprados, Maria comprou *apenas* um chapéu e um casaco, então é falso dizer que, dentro do conjunto dos itens passíveis de serem comprados, Maria comprou *apenas* um chapéu. Já o segundo caso é compatível: se Maria comprou um chapéu e um casaco, ela comprou um chapéu.

Esse, dentre outros argumentos, descartam uma abordagem unificadora para o foco, pois demonstra claramente que nem todos os focos são iguais. Além disso, a autora afirma (embasando-se na análise de diversas línguas) que existe uma matriz de traços responsável por determinar a natureza do foco identificacional nas diversas línguas do mundo. Os traços componentes dessa matriz são $[\pm\text{exaustivo}]$ e $[\pm\text{contrastivo}]$. Mioto (2003) aponta a distribuição dessa matriz em um quadro, parcialmente representado abaixo:

| | |
|--|-----------------------|
| $[-\text{contrastivo}; -\text{exaustivo}]$ | Foco Informacional |
| $[-\text{contrastivo}; +\text{exaustivo}]$ | Foco Identificacional |
| $[\pm\text{contrastivo}; +\text{exaustivo}]$ | Foco Contrastivo |
| $[\pm\text{contrastivo}; -\text{exaustivo}]$ | * ² |

Vejamos alguns exemplos em PB de tais tipos de foco:

- (14) A: O que o João comeu?
 B: Ele comeu [O BOLO] – Foco informacional

² Esse tipo de foco é agramatical: um foco para ser contrastivo necessariamente precisa ser exaustivo, porque um contraste necessita de uma condição de *um* e *apenas um*.

- (15) A: O que o João pegou da geladeira?
 B: Ele pegou [O BOLO] – Foco identificacional
- (16) A: O João comeu o sanduíche.
 B: Não, ele comeu [O BOLO]. – Foco contrastivo

Dessa forma, podemos dizer que o foco identificacional e o foco contrastivo possuem AS's diferentes do foco informacional: o primeiro seleciona um item dentro de um conjunto (em uma relação de exaustividade), o segundo nega o referente de uma afirmação e introduz o referente presumidamente correto. No exemplos dados, podemos representar as AS's de (15) e (16) em (17) e (18), respectivamente:

- (17) A1: Existe um x pertencente ao conjunto $\{x: x \text{ é uma coisa que está na geladeira}\}$ tal que João pegou x , e apenas x
 A2: x , tal que João pegou x = [o bolo]
- (18) A1: Existe um x , tal que o João comeu x
 A2: É falso que João comeu y , tal que y = [o sanduíche] e é verdadeiro que o João comeu x , tal que x = [o bolo]

2.3. As projeções funcionais de foco

Concluímos, então, que não há apenas um tipo de foco, mas três. Mioto (2003) chega à conclusão de que tanto o foco identificacional quanto o foco contrastivo possuem, em PB, configurações sintáticas idênticas: assume que constituintes dotados de ambos os tipos de foco têm seu lugar na periferia esquerda da sentença. Essa afirmação vai ao encontro da abordagem cartográfica, pois a hierarquia do CP proposta em Rizzi (1997) – representada em (3) – reserva a essa camada funcional uma projeção de foco.

Mas e quanto ao foco informacional? Nesse ponto, há uma divergência entre o que é proposto em Kiss (1998) – seguido por Mioto – e a abordagem cartográfica, cujo trabalho podemos citar Belletti (2001, 2004). Para a primeira autora, o foco informacional não é resultado de movimento, enquanto para a segunda, foco informacional tem seu lugar em uma projeção localizada entre a camada VP e IP. Uma vez que este trabalho se pauta na abordagem da Cartografia, assumiremos a segunda posição. A representação dessa região é dada em Belletti (2004):

- (19) [IP[TopP[FocP[TopP[VP]]]]]

Com essa discussão em mente, passemos à análise de outra entidade teórica que nos auxiliará na análise das sentenças pseudoclivadas. Percebemos que, articulado à noção de foco, encontramos uma outra noção que possui impacto na construção da sentença: a noção de tópico. Juntos, esses dois elementos formam o que é conhecido como Estrutura Infomacional (doravante EI). A próxima seção se dedicará a essa entidade.

3. ESTRUTURA INFORMACIONAL

A ideia de uma estrutura que desse conta de aspectos semântico-pragmáticos surge com o trabalho de Halliday (1967), para dar conta das relações estabelecidas entre foco e pressuposição. Erteschik-Shir (2007), ao estudar a EI das sentenças, percebeu que, ao aplicar testes de pergunta-resposta, parte da informação dada pela resposta corresponde à informação solicitada pela pergunta, enquanto a outra parte se refere a algum referente já introduzido. Vejamos os exemplos que a autora dá (adptado ao PB):

- (20) a. Q: O que o João fez?
 R: *Ele LAVOU A LOUÇA.*
 b. Q: O que o João lavou?
 R: *Ele lavou A LOUÇA.*

Em (20a), a informação solicitada pela pergunta é o predicado, enquanto em (20b) é o DP [a louça]. Cada um desses elementos é o *foco da sentença* (foco informacional, sendo que, no primeiro caso, trata-se de foco amplo). Por outro lado, cada uma dessas respostas possui elementos que se remetem à pressuposição da sentença. Em (20a) estamos falando do DP [ele], enquanto em (20b) é o sujeito e o verbo [ele lavou]. A autora chama esses elementos de *tópico da sentença*. Essas duas entidades referentes à informação veiculada pelas enunciações formam a EI da sentença.

É importante entender, portanto, que, teoricamente, pressuposição e tópico não são correlatos. Ao passo que a pressuposição é uma informação semântica derivada de uma sentença focalizada, em que o foco é substituído por uma variável, o tópico é a realização linguística da informação presumidamente partilhada entre os interlocutores. Essa diferença pode ser ilustrada pelo exemplo em (20a): a pressuposição da resposta à pergunta é “o João fez alguma coisa”, por se tratar da consequência lógica da sentença resposta. Já o tópico dessa sentença é apenas a referência de [o João], constituinte presumidamente já partilhado entre os interlocutores e dotado da propriedade de *aboutness* (do que se fala). A operação de marcar explicitamente o tópico de uma sentença é chamada de topicalização.

Podemos utilizar a metáfora das fichas, apresentada por Erterschik-Shir, para ilustrar a natureza algorítmica das operações de focalização e topicalização: imagine um conjunto de fichas. Cada ficha representa um referente. Em cada ficha, encontramos escrita uma série de pressuposições em relação ao referente. As fichas estão empilhadas de modo que aquela que se encontra no topo da pilha é o referente mais ativo no discurso: provavelmente esse elemento é

o tópico de uma sentença criada nesse contexto. A operação de topicalização faz com que o interlocutor selecione a ficha que já está no topo da pilha. A operação de focalização dispara o comando de encontrar (ou criar) uma ficha que não está no topo e colocá-la. Com essa imagem mental, podemos definir os efeitos cognitivos das operações realizadas na EI (a autora denomina esse processo pelo nome de *f-structure*) através de alguns algoritmos. Vejamos os exemplos abaixo³:

(21) a. Esse carro, O João comprou ele ontem.

Algoritmo “topicalização”:

variáveis:

X = Esse carro; Y = O João comprou X ontem.
inicio

Encontre [X] na representação mental;
Decodifique [X];
Grave [Y] na representação de [X];

fim

b. Foi UM CARRO que o João comprou ontem.

Algoritmo “focalização identificacional”

variáveis:

X = Um carro; Y = O João comprou x ontem; Z = {coisas possíveis de serem compradas}
inicio

Localize o conjunto [Z];
Crie o referente [X] \in [Z];
Para a variável x em [Y] grave [X];

fim

c. Foi UM CARRO que o João comprou ontem. (e não uma moto)

Algoritmo “focalização contrastiva”

variáveis:

X = Um carro; Y = O João comprou Z ontem; Z = Uma moto
inicio

Localize a representação mental [Y];
Encontre o referente [Z];
Substitua [Z] por [X];

fim

³ Esses algoritmos são sugestões. Desenvolvimentos posteriores, de acordo com novas análises, podem revelar nuances de significado possíveis de serem representadas através de instruções.

As operações de focalização já foram descritas na seção 2. Nesta seção, nos dedicaremos a analisar as propriedades do tópico, pois possuem impacto direto na nossa análise das pseudoclivadas.

3.1. Tópico ou tópicos?

Até agora, verificamos que a noção de tópico, diferente da pressuposição, se remete a uma expressão linguística que é presumidamente partilhada entre os interlocutores. No entanto, cabe a seguinte pergunta: Todos os tipos de tópico são iguais? Para respondê-la, é necessário encontrar evidência linguística que mostre uma diferença entre diferentes tópicos (da mesma forma que fizemos, na seção anterior, com os diferentes tipos de foco).

De acordo com Valldúvi (1992, *apud* Erterschik-Shir, 2007), tal evidência existe em catalão. Ao analisar o processo de topicalização nessa língua, o autor verificou que tópicos recorrentes no discurso (chamados *continued topics*) não podem ser topicalizados. Apenas elementos que foram foco no contexto imediatamente anterior (chamados *shifted topics*) podem ser topicalizados. Antes de entrar na discussão proposta pelo autor, deixemos claro essas duas naturezas de tópico.

Vejamos o exemplo abaixo (As letras em caixa alta representam falantes diferentes):

- (22) A: Quem fez aquela obra?
 B: Foi o João quem fez.
 A: Ele fez tudo sozinho?
 B: Sim, ele é muito competente como profissional

Atentemos para o referente [João]. Na primeira sentença, João ainda não é um referente conhecido. Na segunda, ele é introduzido como foco. Já na terceira, João muda de posição na estrutura informacional: ele passa a ser tópico da sentença. Dizemos, então, que João, nesse caso, é um *shifted topic* – um “novo” tópico, no sentido de ser novo nessa posição. Por conseguinte, na última sentença, João se mantém como tópico: por isso é considerado um *continued topic* – tópico “velho”.

Com essa distinção feita, podemos voltar à discussão proposta em Valldúvi. Analisando a topicalização em catalão, o autor afirma que apenas *shifted topics* podem ser deslocados à esquerda da sentença (operação que chamamos de topicalização), enquanto *continued topics*, quando marcados explicitamente, precisam aparecer pospostos. Aos primeiros, o autor

denomina *Links*; aos segundos, *Tails*. Vejamos os exemplos (dados em Villalba, 1998, *apud* Erteschik-Shir, 2007):

- (23) P: On va posar les coses?
 onde 3^aPS pass pôr as coisas?
 Onde ele (ela) pôs as coisas?
 R: #Em sembla que *els* va posar al despatx, *els llibres*
 Para mim parece que eles 3^aPS pass pôr no escritório os livros
 Me parece que ele (ela) pôs os livros no escritório.
- (24) P: On va posar els libres?
 onde 3^aPS pass pôr os livros?
 Onde ele (ela) pôs os livros?
 R: Em sembla que *els* va posar al despatx, *els llibres*
 Para mim parece que eles 3^aPS pass pôr no escritório, os livros
 Me parece que ele (ela) pôs eles no escritório, os livros.

O exemplo (23) mostra que, quando o sintagma [els libres] é um *link* (conforme representado pelo itálico), a posposição é inadequada pragmaticamente (marcado pela grade). Já em (24), a ocorrência desse sintagma na pergunta faz com que ele passe a ser um *tail*. A consequência disso é que a posposição é pragmaticamente adequada ao contexto.

A partir dessa análise, podemos dizer que, assim como o foco não pode ser analisado unitariamente, o tópico também apresenta uma diferenciação sensível à sintaxe. A questão que se coloca, então, é a seguinte: o PB também faria tal distinção? Parece que sim, porque a mesma inadequação encontrada no catalão se dá em PB, haja visto as formas diferentes pelas quais se traduzem as sentenças resposta em (23) e (24): na primeira, a realização de uma topicalização à direita é pragmaticamente inaceitável, embora na segunda seja completamente normal. O contrário também parece ser verdadeiro, conforme apontam os exemplos em (25):

- (25) A: Você sabe quando o João pintou a casa dele?
 B: A casa, o João pintou ela no ano passado.
 A: #A casa, o Pedro comprou ela.
 A': O Pedro comprou ela, a casa.

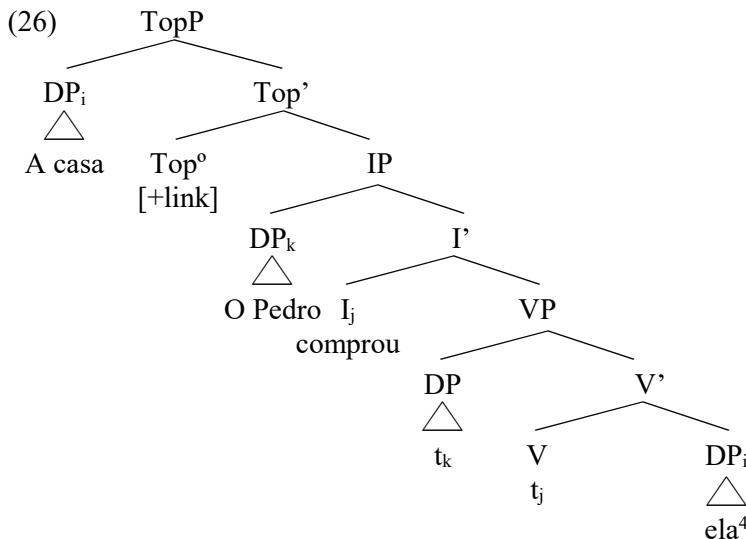
Partindo desse exemplo, percebemos que a resposta dada por A não pode configurar uma topicalização à esquerda, sendo inaceitável dentro do contexto discursivo. Isso se justifica porque, nessa sentença, o estatuto informacional desse tópico é *tail*, enquanto essa posição é dedicada a *links*. Por outro lado, a topicalização à direita é perfeitamente possível, conforme

demonstra a resposta em A'. Isso significa que o PB se aproxima do catalão quanto à distribuição sintática desses diferentes tipos de tópico na sentença.

3.2. *Links e tails: uma solução cartográfica*

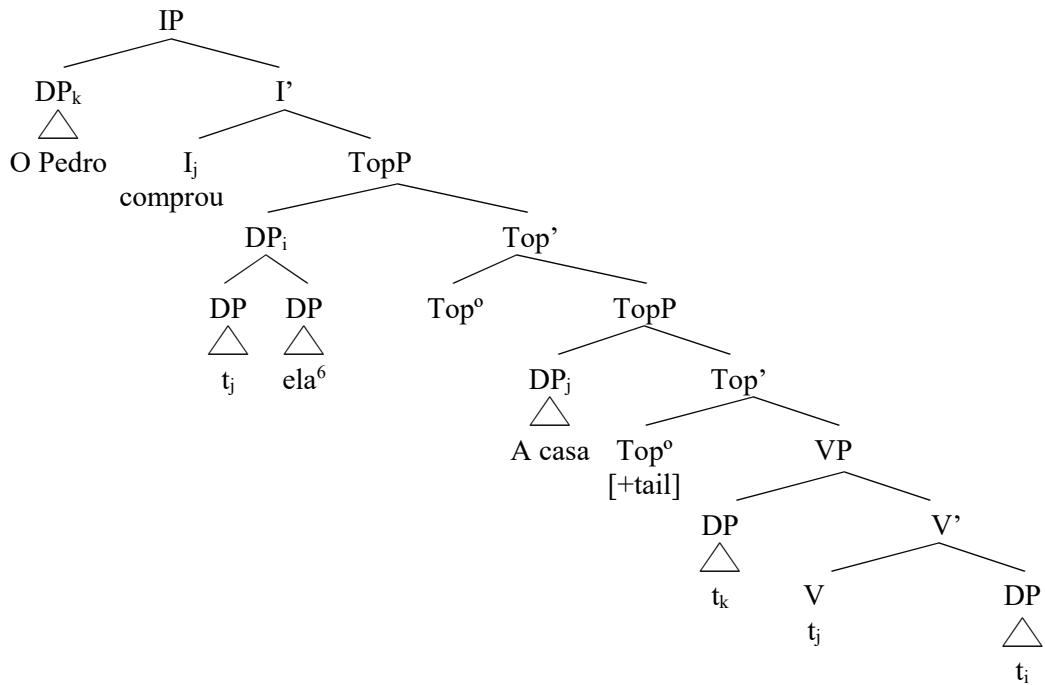
Existiria uma explicação sintática para a distribuição analisada acima? A proposta cartográfica parece possuir tal explicação. Para isso, relemebremos as duas premissas que já apontamos quanto à distribuição de projeções de foco na estrutura sintática. Primeiro, vimos que foco identificacional / contrastivo possuem um lugar na representação localizado na camada CP (ver (3) e item 2.3), enquanto o foco informacional se localiza em uma região entre IP e VP (ver (19) e item 2.3). Pensando em um sistema simétrico, faz sentido concluir que haja uma distribuição igual entre tópico *link* e *tail*, com uma projeção responsável pela veiculação de cada natureza de tópico. Então surge a questão: Qual tópico é assinalado pela projeção TopP em CP e qual é marcado pela projeção TopP acima VP? Considerando que a camada CP é a periferia esquerda da sentença, podemos assumir que os tópicos fronteados estão localizados na camada CP, enquanto aqueles mais encaixados se encontrariam na posição entre IP e VP.

Caso a afirmação anterior esteja correta, a derivação da fala de B em (25) é dada em (26), enquanto a derivação da fala em A' é dada em (27) (as representações foram simplificadas, mostrando apenas as projeções relevantes a este estudo):



⁴ Assumimos, concordando com Cecchetto (2000) que a topicalização é resultado de um movimento em que a cópia é pronunciada.

(27)



Nas representações acima, o sintagma topicalizado [a casa] aloja-se em posições diferentes, a depender do estatuto de tópico que ele possui. Caso ele seja um *link*, a posição para qual ele deve se mover é a de TopP em CP, como o que ocorre em (26). Caso seja *tail*, o movimento se dá para a projeção de TopP acima de VP, conforme (27)⁵.

Adotando uma visão minimalista (Chomsky, 2001), podemos entender a relação gramatical de tópico da seguinte forma: as projeções de [link] e [tail] podem apresentar traço EPP. Nesse caso, além da operação de *agree*, a presença desse traço faz com que o constituinte seja atraído para valoração e posterior apagamento. Caso o EPP não se manifeste, apenas a operação de *agree* se desenrola, valorando traço através de uma relação de sonda-alvo à distância. O primeiro caso é ilustrado pelos exemplos acima.

3.3. Resumindo até aqui

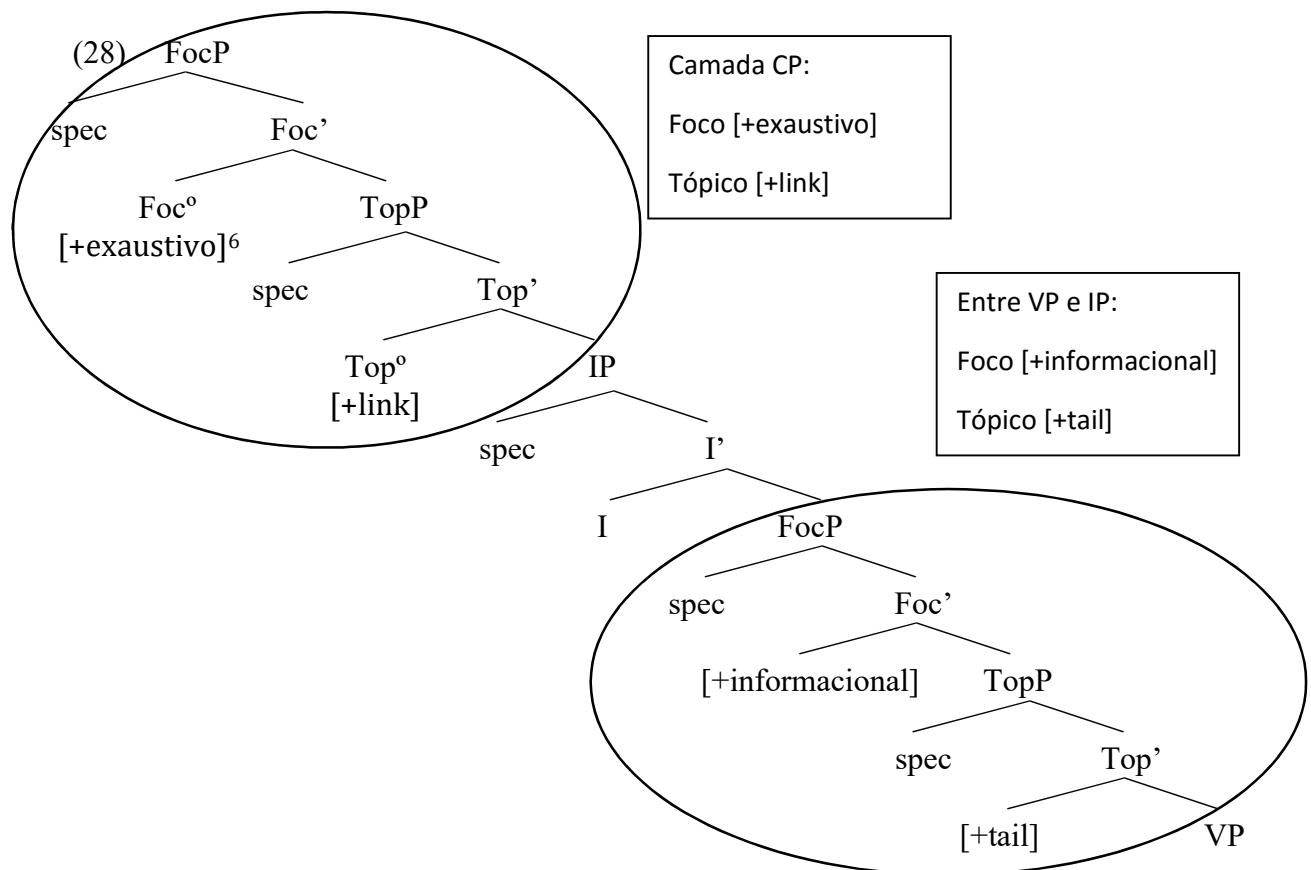
Este é o ponto no qual se faz necessária uma retomada de pontos importantes para a continuação da análise. Inicialmente, vimos que as línguas naturais possuem estratégias para marcação de informações semântico-pragmáticas, tais como tópico e foco. Apresentamos o

⁵ A proposta de *big DP*, bem como o seu alcance para uma projeção de TopP é uma adaptação do modelo sugerido em Cecchetto (1999) para o deslocamento à direita. Como topicalizações à direta não estão no escopo deste trabalho, não intentamos analisar essa decisão em específico.

conceito de Estrutura Informacional, mecanismo interpretativo que se responsabiliza por decodificar informações presumidamente partilhadas e não partilhadas entre os interlocutores.

Quanto ao foco, concluímos que existem três tipos de foco: *identificacional*, relacionado a uma interpretação de exaustividade (apenas x dentro do conjunto y); *contrastivo*, no qual há uma interpretação de contraste (x, e não y); e *informacional*, que apenas apresenta um novo referente. De acordo com a proposta cartográfica, focos identificacional e contrastivo estabelecem uma relação de spec-núcleo em uma projeção de foco na camada CP para que sejam interpretados, enquanto o foco informacional estabelece essa relação em uma projeção de foco entre VP e IP.

Quanto ao tópico, também chegamos à conclusão de que há dois tipos: *links*, que se remetem a “tópicos novos”, no sentido de que estão em uma configuração de *shifted topics*; e *tails*, “tópicos velhos”, ou seja, *continued topics*. Apoiando-se nas afirmações da Cartografia, assumimos que *links* possuem projeção específica na camada CP, enquanto a projeção de *tails* se dá entre VP e IP. Esquematicamente, temos uma configuração como em (28):



Com esse resumo feito, passemos à análise das pseudoclivadas propriamente ditas.

⁶ Escolhemos [+exaustivo] para designar os focos identificacional e contrastivo porque esse traço é comum a ambos os tipos de foco (ver quadro na seção 2.2).

4. ANÁLISE DAS PSEUDOCLIVADAS

As sentenças chamadas de pseudoclivadas são reconhecidas pela presença de três elementos: uma oração relativa livre⁷, uma cópula e um sintagma que recebe a interpretação focal. O exemplo em (29) torna isso mais claro:

- (29) [ORO que o João comeu] [COPfoi] [FOCPO bolo].

O interessante quanto às pseudoclivadas (doravante PC) é que a ordem em que esses elementos aparecem é variável: três combinações são possíveis:

- (30) [ORO que o João comeu] [COPfoi] [FOCPO bolo]. – PC canônica
 (31) [COPFoi] [FOCPO bolo] [ORO que o João comeu]. – PC invertida
 (32) [FOCPO bolo] [COPfoi] [ORO que o João comeu]. – PC invertida com foco pré-cópula

A pergunta que surge, então, é a seguinte: por que existem três construções PCs? Existiria algum tipo de condicionamento sintático ou semântico que desse conta dessa variação? Dedicar-nos-emos a analisar essas questões nos próximos parágrafos desta seção.

4.1. Pseudoclivadas e a articulação foco-tópico

Para responder as perguntas levantadas, primeiro é necessário entender como é a organização informacional das PCs. Vejamos o diálogo em (33):

- (33) A: Eu vi que o bolo que estava na geladeira foi comido. Quem comeu ele?
 B: Quem comeu ele foi o João.
 B': Foi o João quem comeu ele.

Quanto à organização da informação, nos exemplos temos uma pressuposição (“alguém comeu o bolo”), que representa uma informação já sugerida no discurso – e, por isso, presumidamente partilhada entre os interlocutores –, e um foco (o João), informação presumidamente não partilhada – por ser justamente a variável ligada ao pronome indefinido da pergunta. Essa mesma configuração informacional existe em ambas as estruturas. Uma vez

⁷ Chamamos de relativa livre uma oração adjetiva que não está presa a um termo antecedente. Por exemplo, em “o que o João comeu”, a relativa não caracteriza ou restringe uma referência, mas sim aponta o próprio referente em si. Existe uma discussão na literatura quanto a se o sintagma QU seria uma relativa livre ou uma oração interrogativa. Sem adentrar nessa discussão, nossa análise considera que seja o primeiro caso. Para informações detalhadas acerca disso, ver Resenes (2014).

que a pressuposição aqui possui uma correspondência linguística – a oração relativa – podemos afirmar que, no caso das PCs, a oração relativa é um tópico.

Inicialmente, falemos do foco nas PCs e sua distribuição sintática. Assumimos que a oração relativa e o constituinte focalizado estabelecem uma relação de *small clause*. Mioto e Foltran (2007) assumem a possibilidade de haver projeções funcionais em uma região acima de uma projeção SC⁸. É natural crer que essa camada funcional acima da *small clause* tenha lugar para projeções de foco e tópico. Portanto, faz-se necessário descobrir qual a natureza de tais projeções, se foco informacional ou contrastivo e tópico *link* ou *tail*. A análise das pseudoclivadas, empreendidas a partir do item 4.3. irá responder a essa questão.

A próxima pergunta a ser respondida é: a oração relativa nesse caso é um tópico *link* ou *tail*? Levando em conta a discussão empreendida na seção anterior a respeito dos tópicos, podemos prever que as PCs canônicas, por apresentarem a oração relativa fronteando a sentença, são *links*, enquanto as PCs invertidas são *tails*.

4.2. Pseudoclivadas e a restrição de peso fonológico

Nesse ponto, faz-se necessário apontar algumas questões dignas de estudos futuros. Conforme afirmamos anteriormente, partimos da pressuposição de que, nas PCs canônicas, em que a oração relativa fronteia a sentença, essa oração é um tópico *link*, enquanto que, nas PCs invertidas, é *tail*. No entanto, embora isso possa acontecer, não é o que ocorre em todos os casos. Vejamos os exemplos em (34):

- (34)a. Eu não quis nascer assim. Foi Deus quem quis que eu nascesse assim.
 b. O que importa não é ter dinheiro. O que importa é ter a família por perto.

Em (34a), a oração relativa da PC invertida ([quem quis que eu nascesse assim]) não pode ser *tail*, porque o tópico da sentença anterior é o DP [eu]. Do mesmo modo, em (34b), a oração relativa da PC canônica ([o que importa]) é tópico da sentença anterior, e, por isso, não pode ser *link*.

Como explicar, então, o movimento nas PCs canônicas? Conforme já afirmamos, é necessário buscar justificativas para contra-exemplos como os acima em estudos posteriores.

⁸ Essa assunção é feita partindo do pressuposto de Grimshaw (1991), de que acima de cada projeção lexical há uma projeção funcional. Essa ideia associada à abordagem cartográfica (cujo mote é *one feature, one head*) nos faz postular que haja uma região de camadas funcionais acima da projeção *small clause*.

Um caminho que pode ser trilhado é pensar que possa haver alguma restrição de peso fonológico que, por alguma razão, faz com que o movimento não aconteça (seja ele da própria relativa, como em (34a), seja do foco, como em (35b)).

A literatura linguística já postulou que a ordem dos constituintes nas frases depende, em parte, do peso dos sintagmas fonológicos que as compõem (cf, Frota e Vigário, 2001, dentre outros). As condições de peso fonológico dos constituintes são duas: (1) Quantidade de sintagmas fonológicos dentro do sintagma sintático; e (2) Presença de acento prosódico específico (por exemplo, acento de foco). Os exemplos dados em (34) talvez possam ser explicados a partir dessas regras. Façamos a distribuição dos sintagmas fonológicos de ambos os casos (chaves delimitam sintagmas fonológicos e colchetes constituintes sintáticos):

- (35)a. {Foi [DEUS]} [{quem} {quis} {que} {eu} {nascesse assim}]
 b. [{O que} {importa}] é [{TER} {A FAMÍLIA} {POR PERTO}].

Empreendendo uma análise que leve em conta restrições de peso fonológico, percebemos que, em (35a), o movimento do constituinte (que seria um tópico *link*) pode ter sido barrado pelo peso fonológico: o sintagma sintático é fonologicamente ramificado demais para ser fronteado – independente do acento focal. Da mesma forma, o foco em (34b) pode não ter se movido por conta do seu peso fonológico maior do que o da relativa livre. Quanto a esse caso, ainda podemos justificar esse movimento em termos de coincidência de acento, seguindo a proposta de *p-movement* postulada em Zubizaretta (1998), a fim de que o acento focal coincida com o acento natural da frase⁹. Apesar dessa possível justificativa, assumimos que esses casos são díspares, e não está no escopo desta monografia a sua representação sintática.

Com essa ressalva feita, podemos passar à análise de cada tipo de pseudoclivada.

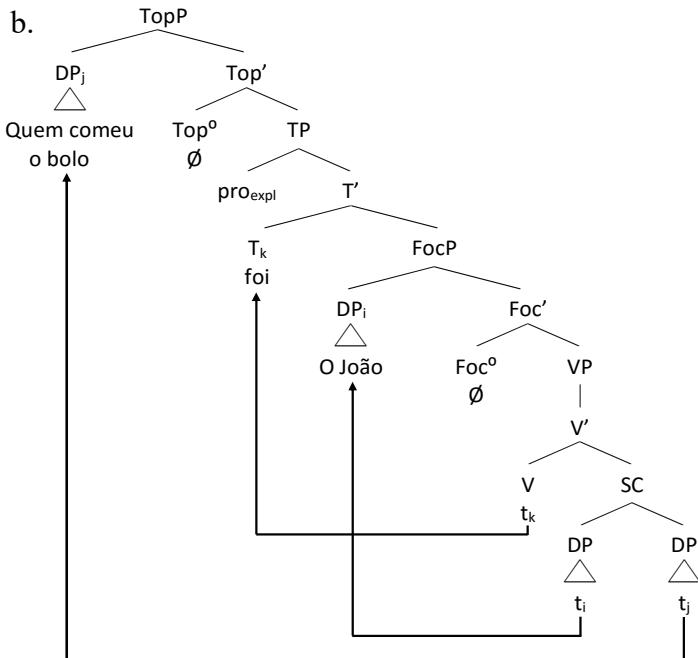
4.3. Pseudoclivadas canônicas

Conforme já exposto, as PCs canônicas são aquelas que apresentam a ordem oração relativa + cópula + foco. Também seguindo o que já foi abordado, nos casos prototípicos dessas construções, a oração relativa é um *link*, que precisa ser extraído para a periferia esquerda da sentença. O foco veiculado por essa estratégia pode ser tanto informacional quanto contrastivo. Isso significa dizer que o sintagma focalizado tanto pode figurar na projeção FocP acima de VP

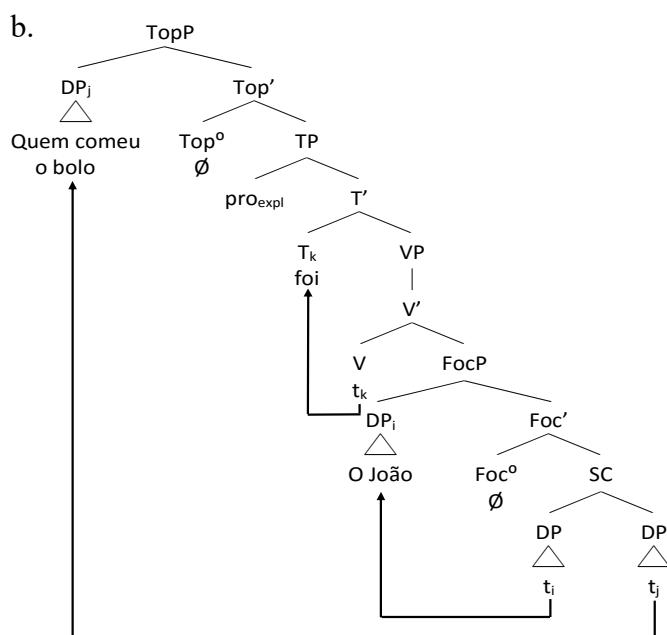
⁹ Esse último argumento é mais fraco, haja visto trabalhos como o de Fernandes (2007), que advogam pela ideia de que, em PB, o *p-movement* não se aplica.

quanto na projeção FocP em CP (ver esquema em (28)). Partindo dessas premissas, a representação da sentença em (36a) é dada em (36b), enquanto a representação de (37a) é dada em (37b) (ambas simplificadas):

(36)a. Quem comeu o bolo foi o João (resposta a “Quem comeu o bolo?”)



(37)a. Quem comeu o bolo foi o João (e não o Pedro)

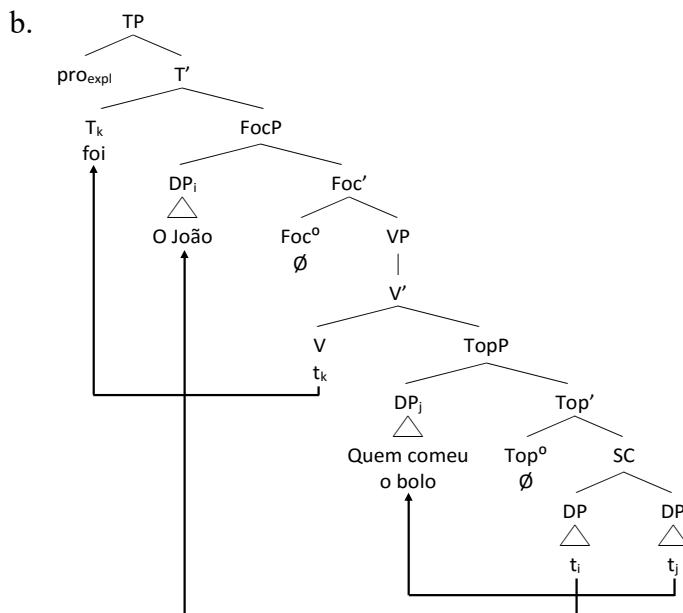


Analisemos cada estrutura separadamente. Em (36b), a derivação parte do *merge* do DP foco com o DP oração relativa, gerando uma *small clause*. Após isso, o sintagma focal se move para uma projeção de FocP acima da *small clause*, conforme sugerido na seção 4.1¹⁰. A seguir, aplica-se a operação de *merge* da cópula, cujo especificador é um pronome expletivo, haja visto a impossibilidade de a oração relativa ser sujeito do verbo copular. A cópula se move para TP, ocorre *merge* do expletivo, e, por fim, o último passo da derivação é o *move* do DP relativo para uma projeção de TopP no CP da cópula, já que, como vimos, trata-se de um tópico *link*.

4.4. Pseudoclivadas invertidas

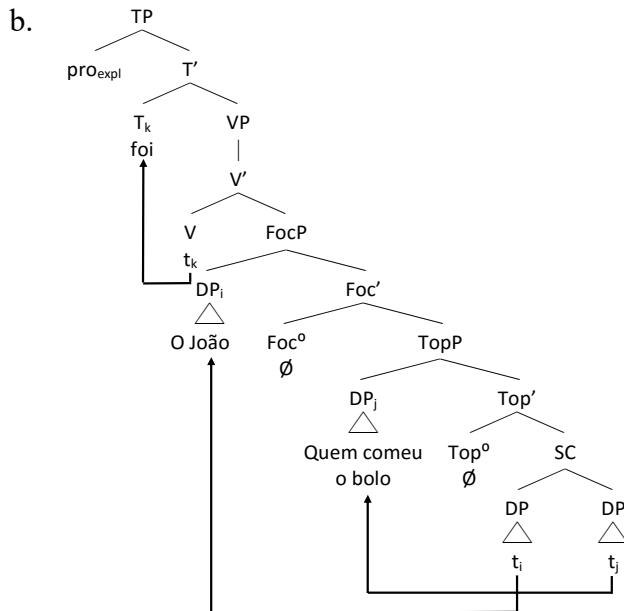
As PCs invertidas diferem-se das canônicas pela posposição da oração relativa. Conforme já analisamos, a posposição de tópicos é adequada a tópicos *tails*, o que nos leva a crer que seja o caso de a relativa da PC invertida ser um tópico *tail* (assegurando-se as ressalvas feitas no item 4.2. Desse modo, a representação de (38a) pode ser dada por (38b), e a de (39a) por (39b):

- (38)a. Foi o João quem comeu o bolo. (resposta a “Quem comeu o bolo?”)



¹⁰ Com base nessa estrutura, a projeção FocP acima da *small clause* possui núcleo dotado do traço [+exaustivo]. Caso não fosse esse o caso, haveria um problema de ordem (a ordem seria “quem comeu o bolo o João foi”, agramatical em PB).

(39)a. Foi o João quem comeu o bolo. (e não o Pedro)

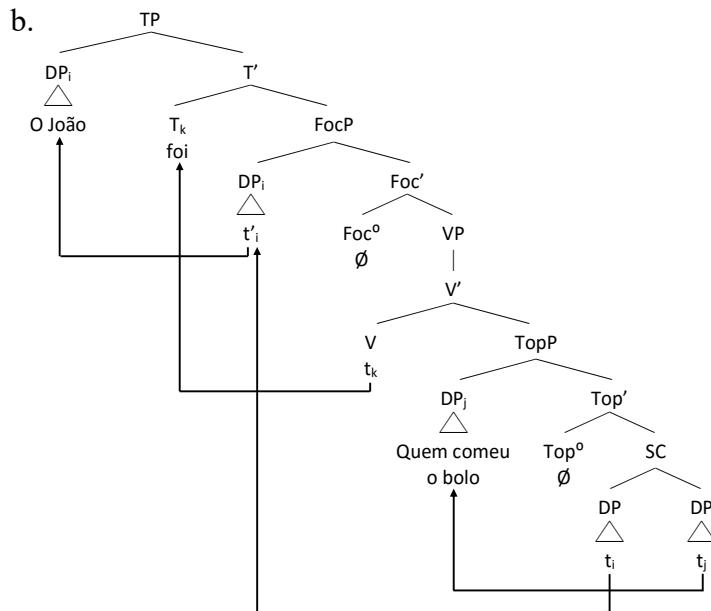


A derivação representada tanto em (38b) quanto em (39b) é parecida com a das PCs canônicas – (36b) e (37b), respectivamente. A diferença reside em um único ponto: a relativa, por ser *tail*, e não *link*, não pode ser alçada à posição de especificador de TopP em CP, devendo estar em uma projeção abaixo. A região entre VP e IP poderia estar disponível para tal (como já visto), mas há de se levar em conta que existe uma outra projeção de TopP mais encaixada, aquela suposta na região acima da *small clause*. Uma vez que essa posição resultaria em um tópico posposto, é razoável crer que essa projeção seja também responsável pela veiculação de tópico *tail*. Caso essa afirmação esteja correta, seria uma violação de minimalidade relativizada (RM) se a relativa “pulasse” essa projeção para se alojar em TopP acima de VP. Isso justifica a estrutura proposta em (38b), em que a relativa [quem comeu o bolo] se move para specTopP acima de SC. Quanto ao resto, as derivações permanecem idênticas às das PCs canônicas.

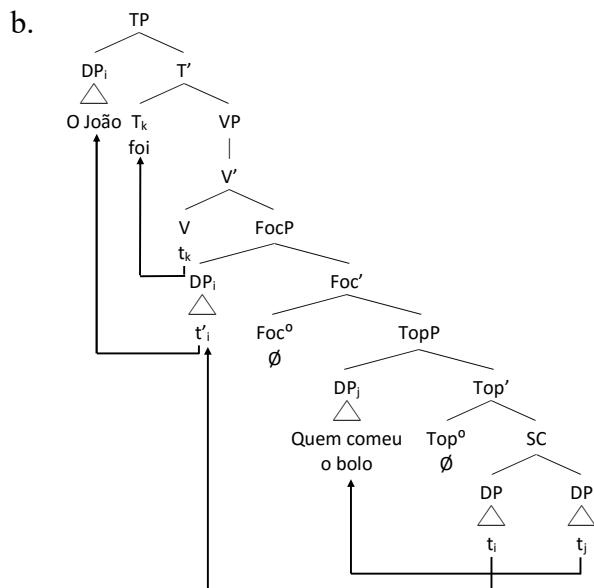
4.5. Pseudoclivadas invertidas com foco pré-cópula

O último tipo de PCs se caracteriza pela inversão na ordem foco-cópula. Enquanto nas PCs invertidas a ordem é cópula-foco, nessas a ordem é invertida. Vejamos primeiramente as estruturas propostas e depois faremos comentários acerca dessa peculiaridade das PCs invertidas com foco pré-cópula.

(40)a. O João foi quem comeu o bolo. (resposta a “Quem comeu o bolo?”)



(41)a. O João foi quem comeu o bolo (e não o Pedro)



A peculiaridade dessa construção é o fato de que, aqui, o foco (nesse caso, o DP [O João]) se move duas vezes: primeiro, sai de sua posição de origem e chega à camada CP (ou acima VP) para valoração do traço foco. Após isso, ele se move novamente para valorar caso nominativo da flexão do verbo, alojando-se na posição de especificador de TP. O resto das derivações permanece idêntico às das PCs invertidas.

Quanto a essa última derivação, é necessário pontuar que há uma divergência entre a nossa abordagem e o *Criterial Freezing*, proposto em Rizzi (2004). Segundo o autor, seria um princípio das línguas que um sintagma, após ser movido para uma posição criterial (ou seja, movido pela necessidade de atenter a um critério – movimentos para cadeias A’), fica indisponível para extração. No entanto, enxergamos a necessidade de revisitar esse princípio, pois, alheado à solução aqui proposta, encontramos dados mais simples que parecem contrariá-lo. Vejamos o exemplo abaixo:

- (42)a. Quem_i o João disse que t_i comeu o bolo?
 b, Who_i did he said t_i made him run that day?
 “Quem ele disse que o fez correr aquele dia?”

Nesses exemplos, o sintagma QU [Quem] e [Who] atravessam cadeias A’, a fim de se alojarem no CP da sentença matriz. Em outras palavras, o QU se move para valorar EPP no IP da oração encaixada e depois se move novamente para valorar EPP no CP da sentença matriz. Por isso, acreditamos ser possível assumir a possibilidade de que o foco saia da projeção na qual valora traço EPP e se move para especificador de TP, para valorar EPP também nessa projeção e ser sujeito da cópula

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta monografia buscou apresentar algumas considerações a respeito do processo de focalização no PB, especialmente no que diz respeito às construções de pseudoclivagem. Apresentamos agora um pequeno resumo em tópicos das asserções mais importantes feitas no decorrer do trabalho, seguido de possíveis desdobramentos da pesquisa:

- (I) As línguas naturais são capazes de marcar explicitamente aspectos semântico-pragmáticos, tais como foco e tópico;
- (II) Foco é um conceito que se refere à informação não pressuposta de uma sentença;
- (III) Existem três tipos de foco: informacional (insere uma informação); identificacional (identifica um referente em um conjunto predeterminado) e contrastivo (realiza uma operação de contraste, ou seja, troca de referentes em uma representação mental);
- (IV) Os focos identificacional e contrastivo possuem projeção específica na estrutura sintática para sua veiculação, localizada em CP. Da mesma forma, o foco informacional também possui projeção específica, esta localizada na região acima de VP. Nas pseudoclivadas, ainda há uma projeção de foco identificacional / contrastivo acima de SC;
- (V) Tópico é um conceito que se refere à expressão linguística parte da pressuposição do foco que tem lugar em uma sentença;
- (VI) Existem dois tipos de tópico: *links*, que se referem a “tópicos novos”, no sentido de que não eram tópico na sentença imediatamente anterior; e *tails*, “tópicos velhos”, que estão em uma configuração de *continued topic*;
- (VII) Assim como o foco, os tópicos possuem projeções específicas na estrutura sintática: TopP em CP para *links* e TopP acima de VP para *tails*. As pseudoclivadas também possuem uma projeção de tópico acima de SC para veiculação de *tail*;
- (VIII) Existem casos em que a afirmação (VII) é contrariada, mas talvez seja possível explicá-los a partir de restrições fonológicas, o que pode ser visto em estudos futuros;
- (IX) Nas pseudoclivadas canônicas, a oração relativa é *link*, enquanto nas pseudoclivadas invertidas (com foco pré ou pós-cópula), a relativa é *tail*.
- (X) Nas pseudoclivadas invertidas com foco pré-cópula, a ordem vista é explicada pelo movimento do foco para especificador de TP da cópula, a fim de valoração do traço EPP dessa projeção.

5.1. Desdobramentos futuros

Temos ciência de que não foi possível esgotar esse tema. Algumas lacunas ainda ficaram por serem preenchidas em trabalhos futuros que se debrucem sobre o processo de focalização, como um todo, bem como da estrutura das pseudoclivadas em particular. A seguir, apresentaremos alguns questionamentos que podem servir como objetos de pesquisas futuras:

- (I) Os algoritmos demonstrados em (21) poderiam ser melhor refinados, a fim de demonstrar mais claramente esse aspecto de instrução estabelecido pelos processos de focalização e topicalização? Até que ponto podemos estender esse tipo de análise para outros fenômenos linguísticos?;
- (II) Kiss (1998) afirma que o foco informacional não é resultado de movimento, enquanto a abordagem cartográfica assume movimento para esse tipo de foco. Será que existe alguma especificidade semântica que, de fato, não requeira movimento em foco de informação em alguns contextos e os requeira em outros? Mesmo em sentenças neutras, como “O João chegou em casa”, seria possível interpretar [em casa] como foco de nova informação? Caso possível, talvez Kiss esteja certa, e, nesse caso, será que não há alguma nuance de sentido no foco informacional que seja sensível linguisticamente a ponto de licenciar traço EPP, requerendo movimento?;
- (III) Essa dinâmica entre tópicos diferentes teria algum outro reflexo linguístico além da topicalização?;
- (IV) Os casos discrepantes quanto à relação entre tipos de tópico e posição sintática podem ser explicados por restrições de peso fonológico?
- (V) Por que nas pseudoclivadas invertidas com foco pré-cópula o movimento do foco para TP é obrigatório, enquanto nas pseudoclivadas com foco pós-cópula esse movimento não é?

Essas são algumas questões que podem ser apreciadas por futuros desenvolvimentos desse assunto. Ainda assim, acreditamos ter contribuído com os estudos da sintaxe do PB, especialmente no que diz respeito à focalização e à natureza diversa dos tópicos em PB, assunto ainda não arrolado nos estudos nessa língua.

6. REFERÊNCIAS

- BELLETTI, A. (2004). "Aspects of the low IP area". In: RIZZI, Luigi. *The structure of CP and IP: The cartography of syntactic structures* vol. 2, p. 16-51. Oxford, New York: Oxford University Press.
- CECCHETTO, C. (1999). "A Comparative Analysis of Left and Right Dislocation in Romance", *Studia Linguistica* vol. 53, n. 1, p. 40-67
- _____ (2000) "Doubling Structures and Reconstruction" *Probus* 12:1, 1-34.
- CHOMSKY, N. (1957). *Syntactic Structures*. The Hague: Mouton.
- _____ (1965). *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge, MA: MIT Press.
- _____ (1971). "Deep Structure, Surface Structure and Semantic Interpretation." In D. Steinberg and L. Jakobovits (eds.) *Semantics: An Interdisciplinary Reader in Philosophy, Linguistics and Psychology*. Cambridge: Cambridge University Press, 183–216.
- _____ (2001). "Derivation by Phase." In M. Kenstowicz (ed.) *Ken Hale: A Life in Language*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1–52.
- CINQUE, G. (1999). *Adverbs and functional heads. A cross-linguistic perspective*. Oxford: Oxford University Press.
- ERTESCHIK-SHIR, N. (2007). *Information Structure: The syntax-discourse interface*. Oxford: Oxford University Press.
- FERNANDES, Flaviane Romani. Ordem, focalização e preenchimento em português: sintaxe e prosódia. 2007. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- GRIMSHAW (1991) *Extended projections*. Ms. Brandeis University, Waltham, Mass.
- GUESSER, S.; QUAREZEMIN, S. (2013). "Focalização, cartografia e sentenças clivadas do português brasileiro". *Lingüística*, vol 9, n. 1, p. 188-208.

- HALLIDAY, M. A. K. (1967). "Notes on Transitivity and Theme in English: Part 2." *Journal of Linguistics* 3: 199–244.
- JACKENDOFF, R. (1972). *Semantic Interpretation in Generative Grammar*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- KISS, K. É. (1998). "Focus identificational versus information focus". *Language* vol. 74, n. 2, p. 245-273.
- MIOTO, C. (2003). "Focalização e quantificação". *Revista Letras*, Curitiba, n. 61, especial, p. 169-189.
- MIOTO, C.; FOLTRAN, M. J. (2007). "A favor de small clauses". *Cad. Est. Ling.*, Campinas, 49(1):11-28.
- RESENES, M. S. A. (2014). A sintaxe das construções semiclivadas e pseudoclivadas do português brasileiro. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- RIZZI, L. (1997). "The fine structure of the left periphery". In: HAEGEMAN, L. (org). *Elements of grammar*. p. 281-337. Kluwer Academic Publishers.
- _____. (2004). *The structure of CP and IP: The cartography of syntactic structures* vol. 2. Oxford, New York: Oxford University Press.
- VALLDUVÍ, E. (1992). "The Dynamics of Information Packaging." Manuscript: University of Edinburgh Published (1994) in E. Engdahl (ed.) *Integrating Information Structure into Constraint-based and Categorial Approaches. ESPRIT Basic Research Project 6852, Dynamic Interpretation of Natural Language. DYANA-2 Deliverable R 1.3.B. ILLC*. University of Amsterdam, 1–27.
- VILLALBA, X. (1998). "Right Dislocation Is Not Right Dislocation." In D. O. FULLANA and F. ROCA (eds.) *Studies on the Syntax of Central Romance Languages: Proceedings of the III Symposium on the Syntax of Central Romance Languages*. Girona: Universitat de Girona, 227–41.
- ZUBIZARRETA, M. L. (1998). *Prosody, focus and word order*. MIT Press: Londres.